



Boaventura
Em Cusco,
Peru, em 2006

De Coimbra para o Mundo

Com mais de uma centena de investigadores de vários países e uma dezena de áreas de doutoramento, o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES) é uma verdadeira "escola fraterna", segundo adianta Boaventura de Sousa Santos (BSS), já com uma sede também em Lisboa e ramificações lusófonas em Belo Horizonte, Brasil, e Maputo, Moçambique. No CES funcionam ainda o Centro de Documentação 25 de Abril e o Observatório da Justiça, ambos dirigidos por BSS, que vai propor uma reorganização do mapa judicial e uma unidade de "formação alternativa" para os magistrados.

A atribuição desta bolsa é o corolário de todo o seu trabalho e da própria dinâmica internacional de investigação do CES? Penso que sim. É evidente que criámos um centro de excelência, que tem hoje 115 investigadores, dez programas de doutoramento e 250 estudantes. Há de facto uma trajetória de internacionalização do CES. No laboratório associado, dos 20 investigadores 12 são estrangeiros, o que dá um certo carácter cosmopolita. E daqui a um ano ou dois, vamos ter doutoramentos em inglês, para atrair mais estudantes europeus. Mas sempre com a ideia que a opção pela Europa não nos deve obrigar a cortar as nossas raízes com África e com a América Latina.

Em que sentido?

Já que lá "estivemos" tanto tempo, pensamos desde sempre que devíamos fazer dessa "fraqueza" uma força. Temos boas relações com esses países, por que não as transformamos numa riqueza? Lançámos, por exemplo, um doutoramento em pós-colonialismo e cidadania global, que atraiu muita gente de África e do Brasil.

Que ligação existe entre o CES de Coimbra e as suas ramificações lusófonas? Quer o CES América Latina, quer o CES Aquino de Bragança, que acaba de ser criado em Maputo, são autónomos financeira e administrativamente, mas acolhem um pouco a filosofia do CES: a

transdisciplinaridade, a ciência voltada para a cidadania e para a luta por um mundo melhor. É esse o compromisso e com eles temos uma relação fraterna. Temos no CES de Coimbra o Observatório da Justiça, que é reconhecido como um dos melhores da Europa. Entretanto os brasileiros vão ter o seu Observatório da Justiça e os africanos também. O apoio técnico vai ser nosso, numa primeira fase. No fundo, estamos a criar uma cooperação internacional de um tipo novo.

O estado da Justiça em Portugal é objeto dos mais severos julgamentos. Que problemas tem diagnosticado o Observatório?

Temos apontado vários, mas as soluções são políticas. Estamos agora a começar o ano de trabalho com uma boa notícia: apesar de todas as restrições financeiras, vai avançar a transformação do mapa judiciário. Porque continuamos com as comarcas do século XIX. Fizemos um estudo pioneiro de reorganização do mapa, da localização dos tribunais e dos serviços. Por outro lado, temos um grande défice de formação, não só técnica mas política e de cultura democrática. É preciso menos cinismo e corporativismo, mais envolvimento com a cidadania e sensibilidade à precariedade social, na luta contra a corrupção, mas também contra a discriminação, o racismo e desigualdade social. Temos de ter uma unidade de formação alternativa, em que vai estar envolvido o magistrado José Mouraz Lopes.

E em relação ao Centro de Documentação 25 de Abril? Finalmente, vamos mudar para umas instalações condignas, no Convento da Graça. Esse foi um projeto por que lutei muito: o regresso da universidade aos colégios medievais. E este ano vamos realizar um grande colóquio sobre João Martins Pereira, um intelectual muito conhecido, ministro da altura do PREC e que depois morreu obscuramente. A família doou-nos o seu espólio. Além disso, temos as habituais atividades em torno do 25 de Abril, sobretudo para as escolas, para ver se não se transforma num feriado do reumático. ■

Boaventura, de A a Z

A DE ALICE
Metáfora do espanto e da curiosidade perante realidades, lógicas e racionalidades muito distintas daquelas a que estamos habituados. Do espanto e da curiosidade emerge a disponibilidade para relativizarmos a validade das soluções que se nos apresentam como inevitáveis, para descobrirmos a irracionalidade que se esconde atrás de tanta suposta racionalidade e para, munidos da vasta e infinitamente diversa experiência do mundo, lutarmos por soluções melhores e racionalidades mais racionais.

B DE BRASIL
O país onde, no início da década de 2000, nasceu o Foro Social Mundial, e foi posto em causa o domínio incondicional do poder político das oligarquias, ao levar ao poder, por via democrática, um operário metalúrgico que se revelou um Presidente sábio, conciliador, que, sem pôr em causa o capitalismo (antes pelo contrário), soube impor-lhe um rosto mais humano. O traço mais visível desse rosto foi o bolsa-família, um vasto programa de redistribuição de riqueza, ainda que não de transformação dos mecanismos que produzem a riqueza de maneira desigual. É também o país que, quase duzentos anos depois da independência, reconheceu ser uma sociedade racista em que a democracia racial, longe de ser uma realidade, é uma aspiração pela qual há que lutar. E a luta começou com um vasto plano de ações afirmativas destinadas a corrigir discriminações estruturais contra negros e indígenas, desde a educação à certificação das terras ancestrais indígenas e quilombolas.

C DE CRISE
Situação de desequilíbrio instável que suscita a oportunidade de viragem ao mesmo tempo que torna difícil a possibilidade de a concretizar. A crise é um estado muito mais geral do que aquele a que socialmente é atribuída tal característica. A "normalidade" da vida dos grupos sociais dominantes assenta na "crise" permanente e reprimida dos grupos sociais dominados. Quem tem poder para definir a crise tende a ser, num primeiro momento, quem tem poder para a resolver de modo a proteger os seus interesses. A luta pela definição da crise está no cerne da luta social. A luta por um mundo mais justo e mais livre tem êxito na medida em que altera os termos que definem a natureza, as causas e as consequências da crise.

D DE DEMOCRACIA
Todo o processo de substituição de relações desiguais de poder por relações de autoridade partilhada. Longe de se confinar ao que vulgarmente designamos por espaço público e se definir como regime político, a democracia é a gramática social da luta pela igualdade e pelo respeito da diferença (sexual, política, étnica, religiosa geracional, regional) por via de meios que não contradizem os fins. A democracia na família, na fábrica, no escritório, na escola, nas organizações sociais, na comunicação social, na rua, na esfera pública é o modo contemporâneo de lutar contra o igualmente contemporâneo fascismo social.

E DE EPISTEMOLOGIA DO SUL
Proposta de novos processos de produção e de valorização de conhecimentos válidos, científicos e não científicos, e de novas relações entre diferentes tipos de conhecimento a partir das práticas, das experiências e das vivências dos grupos sociais que têm sido sistematicamente oprimidos pelo capitalismo, pelo colonialismo, pelo patriarcado, pelo dogmatismo. O Sul, longe de ser um conceito geográfico, é a metáfora do sofrimento injusto causado pelas diferentes formas de opressão e da luta contra elas. Os dois procedimentos centrais da epistemologia do Sul são a ecologia dos saberes e a tradução intercultural.

F DE FMI
Acronímico de Fome e Miséria Internacional conhecido pelo nome de Fundo Monetário Internacional, uma organização que nasceu com nobres intenções de estabilizar as finanças internacionais mas acabou transformado num clube de credores que zela pelos seus lucros a todo o custo, impondo aos países que caem sob a sua alçada três regras de ferro: liberalização dos mercados, privatização da economia e dos serviços públicos, destruição do Estado de bem-estar dos cidadãos e sua transformação em Estado de bem-estar do capital internacional. A destruição social e a injustiça que de tal decorre não entra no imaginário dos seus sacerdotes, para quem a pobreza é pecado dos pobres. Felizmente, hoje sabe-se que os países que saíram das crises em melhores condições foram os que se insurgiram contra as receitas do FMI. Só as segue quem é pusilânime, ignorante ou cúmplice. Tudo é mais fácil para o FMI quando as três características se juntam nos mesmos governantes.

G DE GLOBALIZAÇÃO
O processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival. A globalização do inglês transforma o alemão em língua local, tal como a *fast food* transforma o bolo de bacalhau ou a feijoada em comida étnica. Distingo quatro formas ou processos de globalização. O localismo globalizado e o globalismo localizado operam em conjunto e constituem a globalização hegemónica, que opera de cima para baixo, a partir de quem tem poder para globalizar para quem o não tem. A resistência que suscita constitui a globalização contra-hegemónica, de baixo para cima, a partir dos que sofrem os custos (mas não os benefícios) da primeira globalização. Integra dois processos: o cosmopolitismo subalterno e o património comum da humanidade. O processo do Fórum Social Mundial tem sido uma das expressões mais conseguidas de globalização contra-hegemónica.

H DE HUMANIDADE
A mais exaltante aspiração das mulheres e dos homens de todo o mundo infelizmente até hoje não concretizada. O que tem dominado são concepções truncadas e paradoxais de humanidade em que a humanidade de uns assenta na negação autoritária da humanidade de outros, sob o pretexto de que são irremediavelmente inferiores e, portanto, sub-humanos, sejam eles mulheres, indígenas, negros, judeus, comunistas, islâmicos, terroristas, crianças, etc. O cardápio da negação tem variado historicamente mas a negação, não.

I DE INVESTIGAÇÃO
Curiosidade organizada sistematicamente para ir além das evidências do quotidiano, das fachadas que escondem o seu contrário, dos lugares comuns de que se alimenta a má-fé ou a preguiça, das opiniões dominantes que ratificam a injustiça do poder e dos privilégios dos poderosos, das versões oficiais do mundo que tornam invisível ou indigno de crédito tudo o que as contraria, da mesquinhez, ignorância e corrupção dos oprimidos que vêem a sua libertação na possibilidade de oprimir outros ainda mais oprimidos.

J DE JANELA
Oportunidade para ver e respirar o que a maior parte das pessoas não tem tempo ou possibilidade de identificar e fruir. Contrariamente ao que pode parecer, a janela confunde-se facilmente

com buraco e com muro pintado. Alienação consiste em estar num buraco ou frente a um muro julgando que se está à janela.

K DE KAFKA
Um dos raros escritores que deu azo à criação de um adjectivo de uso corrente: kafkiano. Acontece, porém, que adjectivo significa o oposto do que pretendeu Kafka com a sua obra magnífica. As situações de poder e de submissão que designamos como kafkianas por serem extremas, absurdas, ininteligíveis, em suma, anormais, eram para Kafka a expressão da normalidade da modernidade ocidental e do seu poder burocrático organizado. É kafkiano que designemos por kafkiano o que é o seu contrário. Fazemo-lo porque é intolerável reconhecer que a felicidade e a sanidade mental sejam possíveis no meio da normalidade anti-kafkiana de Kafka.

L DE LUTA
O princípio e o fim da existência.

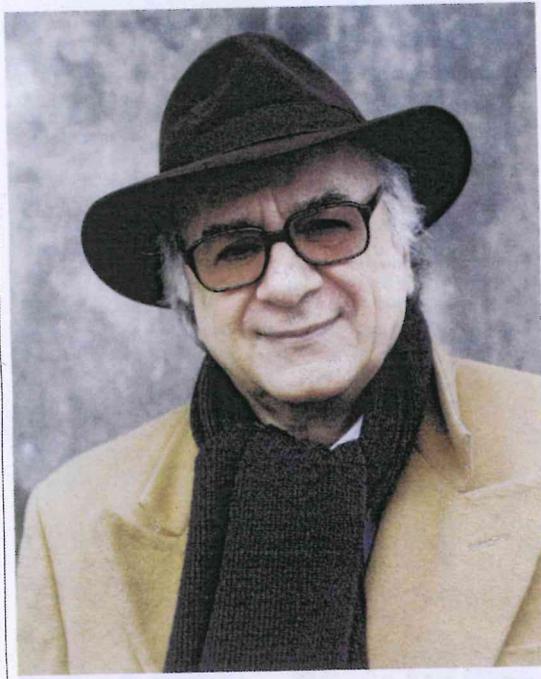
M DE MERCADOS
Tão antigos quanto a queda de Adão mal atribuída a Eva. Aplicado à economia faz todo o sentido, aplicado à sociedade, à política e à ética é repugnante. No plural é um eufemismo para disfarçar o momento em que a pluralidade é destruída pelo monopólio de poucos e a ganância sem limites dos que dele beneficiam. Ultimamente é usado como sinónimo de poder despótico contra o qual é impensável a resistência, como normalidade kafkiana (ver atrás), como pai inclemente, como fascismo gerador de democracia, como fim de discurso ou discurso do fim, como argumento que dispensa argumentos, como ordem suprema do caos, como o euronilhões para muito poucos e eurotostões para quase todos, como o analgésico de última geração para as dores da democracia, como escada que, para a esmagadora maioria dos cidadãos, só desce, como prova de que deus existe e finalmente desceu à terra.

N DE NATUREZA
A Terra-Mãe, um ser vivo que é a fonte de toda a vida humana e não humana e que o capitalismo transformou num recurso inerte sem outro valor que não o da utilidade imediata para os designios dos humanos, concebidos de forma a satisfazerem a necessidade infinita de acumulação capitalista. Como ela nos tem vindo insistentemente a dizer e pelas mais diversas formas (mas que mesmo assim nem todos ouvem ou entendem), a Terra-Mãe aceita generosamente que a usemos mas não tolera que abusemos dela.

O DE OBAMA
Substantivo próprio em risco de se transformar em substantivo comum. Designa, por um lado, a persistência do colonialismo no próprio acto de permitir o

seu mais dramático desmentido: a eleição de Obama abriu o caminho para uma nova e muito virulenta onda de racismo, agora centrada no presidente e no que ele significa. Designa, por outro lado, a condição dos descendentes de escravos (Michele Obama) que, ao entrarem na casa dos senhores, pensam que entraram na sua própria casa.

revolução, neste segundo sentido, pode passar rapidamente de antídoto da contra-revolução a duplo da contra-revolução e, com isso, voltar ao seu significado inicial. O primeiro acto dos revolucionários bem sucedidos foi quase sempre o de tomar medidas para impedir novas revoluções. Por esta razão, o conceito de revolução significa



P DE PORTUGAL
Um país que aprendeu a viver à margem dos lugares comuns que se criaram a seu respeito. Um país que não se deixa facilmente descrever nem pelos profissionais das misérias caseiras nem pelos profissionais das grandezas alheias. Quase a desistir de encontrar profissionais que tenham com ele uma relação cordial, anda em busca de amadores (no sentido etimológico da palavra), gente que o ame ao criticá-lo e o critique com o único objectivo de o ajudar a ser nem mais nem menos digno que todos os outros povos do mundo.

Q DE QUESTIONAR
Todo o movimento interactivo, individual ou colectivo, com capacidade para transformar a acção conformista em acção rebelde.

R DE REVOLUÇÃO
Conceito ambíguo que começou por significar movimento circular para, a partir de meados do século XVII, passar a significar mudança brusca e profunda do sistema social e político. Até ao final do século XX foi-se acumulando a experiência de que a

RIMAS (BEATS)
Crise
Desemprego
Futuro

BSS
Estás em crise, sem emprego e [sem futuro]
Estás no duro contra o muro sem [futuro]
Porra, acorda, dá um murro.
Alguém roubou o emprego [alguém roubou o futuro]
Dá um murro e outro murro.
[Contra o muro sem futuro]
Contra a carga que te mata sem [que ninguém descarregue]
Se a crise dói onde deve
O futuro fica mais leve

hoje a exigência de manter viva a revolta ou a rebelião e de impedir que qualquer ideia abstracta assuma a prerrogativa de pôr fim à história da libertação individual ou colectiva. As subjectividades rebeldes do século XXI vêm na revolução o sentido profundo do inconformismo contra a injustiça e a discriminação, e a luta sem fim pela democratização das relações económicas, sociais, políticas e culturais.

S DE SABERES
Sempre usado no plural, são os sentidos atribuídos às práticas sociais, os modos pelos quais elas se tornam significantes nas relações sociais. Com a modernidade ocidental, esta pluralidade, que antes estava subordinada à supremacia da religião, passou a estar subordinada à supremacia de uma forma específica de saber, a ciência moderna, um saber dotado de muito rigor pragmático (e, portanto, muito dócil nas mãos de quem o possa mobilizar para o que lhe é útil) mas muito ignorante sobre o sentido da vida, da felicidade e da justiça, eufórico na proclamação dos seus benefícios e agnóstico perante os seus malefícios. Penosamente, esta forma de saber tem vindo a aceitar que o seu grande mérito não é afectado por reconhecer a existência de outros saberes e que será tanto melhor quanto melhor conhecer os seus limites. Pressionada pela maior visibilidade da diversidade da experiência do mundo e da sua riqueza cognitiva, a ciência moderna vai aprendendo a ser parte importante mas não exclusiva da ecologia dos saberes.

T DE TRANSPARÊNCIA
Substantivo cujos antónimos são tão diversos quanto opacidade, corrupção, despotismo, nepotismo, fascismo, censura, auto-censura, tráfico de influências, mercados, negócios, especulação financeira, diplomacia, chantagem, duplicidade, discurso sobre o estado da nação, relatório de inquérito oficial, questionário às atitudes ou opiniões dos cidadãos, revelações e inconfidências da primeira página, a retórica da transparência, etc., etc..

U DE UNIÃO EUROPEIA
Hoje mais conhecida por Desunião Europeia, é uma das ideias politicamente mais progressistas dos últimos cinquenta anos. Consistiu em criar as condições para que o mito da Europa como cadinho da democracia, dos direitos humanos e da solidariedade social—cruelmente desmentido pelas duras realidades da primeira metade do século XX: duas guerras, o nazismo, o genocídio dos judeus, o genocídio dos ciganos, o fascismo—tivesse finalmente a possibilidade de se converter em realidade. As condições eram exigentes e contra elas militavam interesses poderosos. A ideia continua viva mas, por agora, na forma de letra morta.

V DE VIAGEM
O modo de manter permanentemente viva a tensão entre as raízes e as opções. Sem viagem, as raízes são prisões e as opções são voluntarismos inconsequentes.

W DE WIKILEAKS
O fim da diplomacia tal como a conhecemos. A ilustração mais recente da contra-

dição acima referida na entrada sobre a globalização: a globalização dos poderes económicos, políticos e militares hegemónicos gera contradições no seio das quais grupos sociais desafectos logram o acesso aos instrumentos hegemónicos (que permitem usar a mentira sistemática para justificar a opressão) e os usam para objectivos contra-hegemónicos (a denúncia das mentiras e a criação de espaços para a luta contra a opressão).

X DE X-MEN
Uma equipa de lutadores pelo bem da humanidade que nasceu vinte e três anos depois de mim. Não conheci nenhum deles e nunca gostei que se vangloriassem do "X-gene" que eu não posso nem gostaria de possuir. Mas os inimigos contra os quais lutaram—o Magneto, o Apocalipse, o Mister Sinister, o Hellfire Club e o Weapon X—são também meus inimigos. A minha diferença é lutar contra eles com armas bem mais modestas que nunca me dão o gozo da vitória definitiva.

Y DE YO
My young brothers and sisters who share a strong sense of cultural identity and communal belongingness, fight against police brutality, love their mothers and report their dreams and fears in Yo Youth Outlook and can insult each friendly by saying Yo cago en la leche de tu madre.

Z DE ZARATUSTRA
A crucial oportunidade dada por Nietzsche à modernidade ocidental para imaginar o anti-Zaratustra e aos modernos, a possibilidade de orientar a conduta social por este último. Nas condições do nosso tempo, ser super-humano é não tolerar que os que são diferentes de nós e, sobretudo, os que nos confrontam sejam considerados sub-humanos. Do mesmo modo, o fim da moralidade é a denúncia mais lúcida da hipocrisia da moralidade sem fim que caracteriza a moralidade moderna. Trata-se da moralidade que se auto-proclama eterna e universal para ocultar a imoralidade das acções que, aqui e agora, são praticadas em seu nome. Por sua vez, o eterno retorno é a negação radical de uma concepção falsa, mas prevalecente, de progresso centrado na vida material e não na vida espiritual, dominado por uma racionalidade técnico-instrumental divorciada da racionalidade estética e da racionalidade moral-prática. Entendido assim, o progresso é a metáfora de um a dupla incapacidade: a incapacidade de aprender e melhorar e a incapacidade de dar conta dessa incapacidade. Daí, a eventualidade do desastre a que se contrapõe, de modo tão heróico quanto vão, a vontade de poder. A oportunidade dada por Nietzsche perdeu-se tanto para os que se proclamaram herdeiros dele como para os que o demonizaram. ■